

Excerto traduzido do livro

Antje Rávic Strubel
Kältere Schichten der Luft
S. Fischer Verlag
Frankfurt a.M. 2007
ISBN 978-3-10-075121-8

pp. 7-15, 21-23, 28-32

Antje Rávic Strubel
Camadas mais frias do ar

Traduzido por Irene Aron

[p. 7 – 15]:

Sabiam tudo da luz.

Conheciam-na em todos os matizes. Tinham visto como ela fazia o céu parecer quebradiço e cindido ou encapado de um azul muito escuro, quase preto. Sabiam como era a luz sob nuvens de espuma, como caía em viés sobre o *ffjell*, como encontrava os rochedos lá em cima na floresta e na densa vegetação rasteira. Sabiam como era fugidia e ilusória. Ainda há pouco iluminava de turquesa o lago até o fundo, já no momento seguinte jazia ali fosca e impenetrável como asfalto. Tinham visto como na chuva a luz fazia pinheiros e amoreiras silvestres parecerem opacos, viram como às quatro da madrugada ela pairava sobre ruas varridas pelo cascalho e ao meio-dia sobre a grama aparada de jardins suecos. Conheciam-na no amarelo flamejante de calor, no brilho esverdeado da noite, podiam dizer qual era sua aparência sobre o telhado do galpão de ferramentas em dias encobertos.

Sabiam como rostos se transformam quando a luz recai penetrante sobre eles. Quem saía das barracas pela manhã e se dirigia para o lavatório, precisava atravessar o gramado que tinham trazido da floresta. Lá, os rostos se tornavam firmes.

Transmutavam do cinza leitoso, a cor da noite, para um tom bronzeado acre, facetado. Isto era sabido. Viam-no todas as manhãs.

E mais tarde, quando havia apenas poucas nuvens no céu, este bronzeado adquiria uma nitidez como só os rostos aqui neste promontório possuíam. Era brutal quando o sol brilhava.

Ninguém falava sobre a luz.

Havia outras coisas a conversar. Era preciso cuidar das paredes da barraca que haviam se rasgado na tempestade, agora largadas sobre a grama como peles esfoladas e tinham que ser remendadas. Tinham que providenciar reposição, gêneros alimentícios que vinham todos os sábados de Berlim, telefonavam com frequência. Repunham o estoque com encomendas de batatas e café, carvão para a grelha e salsichas e arroz, sem nunca se esquecer das frutas, pois as frutas na Suécia estavam especialmente caras neste verão. Enviavam aos lagos em seqüência pré-determinada os grupos juvenis que iam chegando, primeiro ao pequeno Store Le e depois ao Foxen, açoitado pelos ventos, distribuía cópias de livros de receitas aos monitores dos grupos para que soubessem quantas latas de feijão seriam utilizadas à noite na frigideira de chilli. Na barraca da cozinha ficavam armazenados os tonéis de alimentos para uma semana.

Explicavam como cozinhar no fogo ao ar livre e lá embaixo, no embarcadouro, distribuíam os barcos. Eram canoas estreitas para duas pessoas, de metal leve cinza claro. O toca-cds funcionava o dia inteiro.

Viviam sem raízes. Fora do tempo. Haviam chegado a uma zona desconhecida, a um outro país, a uma região estranha na qual só eram aquilo que faziam todos os dias durante todo o verão; praticavam escotismo em canoas, construíam tendas de índio, colhiam frutas silvestres, assavam salmões e nadavam no lago. Era como se a vida de agora não se ligava mais à anterior, à exceção de algumas feridas e reflexões abstratas. *Merda retrô*, como alguém disse junto à fogueira do acampamento.

Havia pouca distração. Exageravam qualquer boato. E quando os boatos pareciam se esgotar, inventavam novos ou enriqueciam os velhos com fatos novos, era impossível descobrir o que era verdade nesse falatório. Tinham se acostumado a eles. A ninguém incomodava quando Svenja, a chefe do acampamento, falava mal de Ralf. Quando este arranjou uma permissão de caça, ela disse ter certeza de que ele em sua vida já tivera *gente sob a mira de uma arma*. Na verdade, corria a frase dita à boca pequena de como *Ralf seria capaz de conviver com alguém como Svenja*.

Viviam sem raízes, tentavam fazer disso o melhor possível.

Certo dia, uma moça apareceu correndo sozinha pela praia.

A moça veio pulando entre os botes, seu vestido ondulava ao vento. Era um vestido claro, ninguém aqui usava vestido. No acampamento usavam sandálias de velcro e calças multiuso de cor cinza ou bege, com zíperes na altura das coxas. Quando fazia calor, tiravam as pernas das calças com um só gesto.

A moça correu pelo embarcadouro, movia-se como em transe. Corria sem parar ou tirar o vestido, corria pela borda do embarcadouro e pulou na água.

Perto dos barcos, foram surpreendidos pelo barulho da queda do corpo. Olharam naquela direção. O lago estava liso. Então a moça emergiu ao lado de uma bóia, seu cabelo grudara na cabeça. Lentamente, nadou de volta. Os outros perderam o interesse. Retomaram seu planejamento nas pranchetas e anotavam o número dos barcos que hoje iriam sair ao largo. Meses atrás, tinham determinado que era proibido nadar próximo ao ancoradouro. Agora faziam de conta que o incidente não lhes dizia respeito.

A moça lentamente chegou à praia. Veio subindo pela margem. Parecia não sentir a água que lhe escorria pelo rosto.

Ficou parada perto dos pinheiros.

“Schmoll”, disse e virou-se para mim. “O senhor é um rapaz esperto. Ficou vigiando o tempo todo.” Olhou para a direita onde ficava o local do banho, quase escondido sob moitas de framboesas e plantas espinhosas e vi que era não era mais tão moça. “Com certeza pode me dizer onde há toalhas por aqui.”

Por acaso eu estava nas proximidades quando ela saiu da água. Eu estava junto aos barcos, um pouco longe do embarcadouro, agora comecei a mover-me como se tivesse permanecido por horas na mesma posição.

“Meu nome não é Schmoll”, disse eu. “E não sou um rapaz.”

Girou a cabeça para o lado para me observar. Suas sobrancelhas estavam escuras pela água num rosto muito pálido.

“Toalhas não fazem parte da logística”, disse eu.

O lago estava calmo nesta manhã, mais para o fundo, aves marinhas circulavam. Garças cinzentas, cisnes. Entrementes, os outros deveriam ter terminado de ajeitar os botes. Quando quis ir adiante, ela obstruiu meu caminho.

“Só quero examinar uma coisa”, disse e aproximou-se. Sua tez era branca. Um branco que lembrava a madeira brilhante, lisa e polida que se encontra por vezes em praias selvagens. Os dedos dos pés tocavam levemente a areia. Queria tocar meu pé descalço, não conseguiu e tropeçou.

Teria caído, não tivesse eu segurado.

Colocou os braços em torno de meu pescoço. Senti o odor de seus cabelos molhados.

Era cedo de manhã, a areia ainda estava fresca, as sombras caíam longas. Por volta do meio-dia iria esquentar, até lá todos os botes deveriam estar virados para baixo e registrados, ninguém queria ficar lá embaixo na praia sem árvores, no calor que seria refletido de volta em dobro pelas barrigas de alumínio brilhante dos botes.

Ficamos como num cartaz de anúncios na Bahnhof Zoo, a estação do zoológico de Berlim. Numa dessas imagens reluzentes. Moças meigas, pequenas, abraçadas por ombros fortes e rapazes auto-confiantes. Rapazes que olhavam na direção da moça e da famosa avenida KuDamm. Estávamos inseridas nesta imagem.

“Tudo em ordem?”, disse eu.

Achegou-se a mim. Para os outros junto aos botes, devia parecer como se eu quisesse tirar-lhe o vestido, levantando lentamente o tecido sobre as coxas, deveria provocar a imagem de

como ela estaria nua, seus quadris, seu traseiro, como eu a seguraria na areia, na margem, ali onde ficava o local de banho escondido atrás dos arbustos.

Seu corpo pulsava, a pele ardia sob a umidade.

“Veja”, disse-me ao ouvido. “Finalmente a encontrei. Eu o sabia.”

Logo em seguida, desvencilhou-se de mim. Apanhou sua toalha que estava junto aos pinheiros e correu pela areia em direção à rua. Corria rápido, não olhou para trás. Suas pernas pareciam desajeitadas sob o vestido que era um vestido de menina, um roupa para mocinhas. Eu não sabia ao certo. Segui-a com os olhos e como ninguém junto aos botes lhe dava atenção, gritei: “Ei! Não quer primeiro secar-se e tomar o café da manhã conosco? Temos pãezinhos!”

Ela não reagiu, atingiu a rua. Apesar do vestido molhado, despreocupadamente virou para a esquerda onde a rua fazia uma curva.

Fui para o outro lado, em direção aos demais. Eles puxavam alguns botes da água e os viravam de barriga para cima sobre a praia. Lentamente, o calor aumentava.

Mais tarde, no lavatório, olhei no espelho. Eu usava jeans e uma blusa clara, unissex, como era normal em roupas para o ar livre. Eu era forte e esbelta, estava bronzeada como todos, meus cabelos tinham o aspecto de palha desbotada de nadar no lago, fazia quatro semanas que vivia ao ar livre. A cicatriz junto à sobrancelha era a única coisa que me distinguia dos outros.

Retornei ao sol onde estavam ocupados com plainas. Planejavam construir uma tenda de índio de troncos lisos, aplainados e faziam progresso. A casca da árvore dava lugar a longas e suaves aparas, eles sabiam como remover as camadas superiores com uma leve pressão, sem machucar a madeira. Já tinham feito isso muitas vezes. Tendas de dois metros de altura com a cobertura do topo amarrada, no mato, junto à borda da floresta.

Ocupei-me lá com eles por um tempo. Comecei em cima pelas pontas. Secretamente observava os homens e achei que nada neles se parecia comigo.

Por volta do meio-dia, a reposição dos alimentos chegou, uma caminhonete deu uma volta no acampamento, buzinando. O motorista tresnoitado estacionou seguindo as marcas de pneus que levavam da rua para o gramado. Partira de madrugada de Berlim e agora, com olhos febris, exigia uma cama.

Ei Marco, onde estão as listas? E o carvão para a grelha? Os idiotas de Berlim esqueceram de novo? A grelha é um programa e tanto para as crianças, por que ninguém é capaz de entender isso?

Isso ninguém é capaz de entender porque ninguém se interessa. São crianças, entende, elas não irão imediatamente provocar um motim no acampamento se não receberem exatamente aquilo por que seus pais pagaram.

Cretino.

Olhem no banco de trás, vocês também são cretinos.

Marco esgueirou-se entre os varais de roupa e sumiu dentro da casa. A casa, um galpão de tábuas finas de madeira, fora concebida com três janelas, era possível ouvir o menor ruído.

Nada de stress, gente, gritou Marco da janela inferior. Precisamos ficar unidos já que viemos parar aqui.

Ninguém assentiu com a cabeça. Se tivessem acenado num movimento afirmativo teriam concordado que tinham se perdido por aqui e isso seria o mesmo que uma capitulação, a confissão de que esta situação seria permanente.

Lá fora, começaram a descarregar os caixotes, carregavam-nos para a barraca da cozinha na qual Svenja estava ocupada com os preparativos junto ao recipiente azul. Enormes queijos eram divididos ao meio, cada metade era colocada em um recipiente junto com salames e feijões em lata e pão. Nos recipientes, os alimentos estariam protegidos contra a umidade quando os grupos juvenis os levassem mais tarde em seus passeios de bote.

Na sexta-feira à tarde, todos se encontravam na barraca da cozinha. Talvez fosse a saudade de frutas frescas que os impelia até ali. A comida tornava-se monótona perto do fim da semana. Ou seria o cheiro que emanava dos recipientes recheados, cheirava a legumes, manteiga e toucinho e um pouco ao plástico. O cheiro era a única lembrança de como seria lá fora, navegando pelos lagos, onde prefeririam estar. Mas o acampamento não estava lotado e eles eram em número muito reduzido para resistir à pressão das entregas semanais, com frequência as luzes ficavam acesas a noite toda.

Quando me levantei para sair lá fora a fim de enxaguar o suor e a poeira do rosto com o esguicho, vi a mulher do outro lado do caminho de acesso à casa. Estava sentada, encostada em um pinheiro. Tinha encolhido as pernas, inclinava a cabeça para o lado, seu rosto estava na sombra. Vestia agora um outro vestido, azul. Imóvel, sentada junto à árvore. Seus braços pendiam. A mão direita estava levemente aberta em minha direção, como se ela quisesse apresentar algo, como se me oferecesse a grama e a terra e as raízes dos pinheiros. Parecia ter os olhos fechados. De qualquer modo, não reagiu, embora eu ficasse olhando longamente para ela.

Pensei na veemência com que ela se comprimira a mim junto à margem. No corpo ardente. No branco de sua pele, em curiosa contradição com este ardor. Pensei em minha resposta

idiota. E então ocorreu-me que ela intimamente também iria me rejeitar caso eu agora fosse até lá e a tocasse repentinamente. Ela se assustaria tão logo sentisse minha presença e abriria os olhos que tinham me parecido inquietos e trágicos. Talvez esta impressão tivesse sido provocada também apenas pela luz. Pontos verdes em uma íris que de resto era de um castanho claro.

Ralf corraera atrás de mim. Tomou-me o esguicho e mergulhou seu rosto no jato d'água. “Muito estressante a coisa toda hoje, não?” A água escorria-lhe camisa adentro. “Preste atenção. Eu te ajudo a distribuir os coletes salva-vidas. Aí você pode tirar um tempinho para fazer uma pausa.”

“Está tudo bem, eu me ajeto. De verdade.”

“Uma metade para cada um”, disse Ralf. “Somos um time, ou não?” Colocou o braço ao meu redor, tomou-me pelos ombros e puxou-me para perto de si. Então olhou para a floresta. “Quem é?”

”Quem?”

“Ela está olhando para cá ou o quê? Vou lá lhe dizer que isto aqui é *particular*. Aqui não há nada para olhar.

(...)

[p. 21-23]

Eu estava fora de Halberstadt, fora do horizonte opressivo dos botecos, do gótico alumiado e de algumas construções novas em blocos, pintadas de cores berrantes, fora das metades das casas geminadas e de uma burocracia de requerimentos, na qual ninguém perguntava o que eu fazia e quem eu era, fora de todo esse esboço. E quem era eu, afinal: fora de casa, um estudo à distância não concluído, técnica em iluminação em um teatro decadente, colocando outros no foco de luz. Escrevera alguns artigos, abrira a boca algumas vezes no jornal local, o que não teve repercussão alguma e não era de fato crítico, seja como for, os carecas, como meus irmãos os designavam, não tinham desaparecido das ruas depois disso.

Meus irmãos seguiram adiante sem mim. Tinham trabalho como representantes, um deles, além disso, entregava jornais de madrugada. Não os invejava e sabia que minha fuga a seus olhos significava uma derrota.

Eu gostava daqui. Gostava da concentração. A tranqüilidade que repousava no gramado, na qual eu não percebia esforço algum, embora eu precisasse trabalhar e o tom era malcriado.

Gostava deste verão na Suécia. Este ar carregado de odores de madeira e terra. Gostava do céu amplo e raso, que pairava ao longo de uma linha dentada sobre o cume das árvores na floresta. Gostava das sombras ásperas, abruptas, nas quais imergíamos quando se seguia por uma das ruas adornadas por pinheiros. De longe, o asfalto parecia veludo avermelhado. Gostava da quietude das localidades e do sossego. As pessoas pareciam descansadas, como se, absortas, se deixassem levar com os dias e, no entanto, possuíam aquela deferência que pode surgir quando se utiliza algo valioso com generosidade. No fim de agosto, o verão aqui terminava. Até a metade do mês, ainda seria mais claro por mais tempo do que em Halberstadt. Escurecia imperceptivelmente pelas bordas. Mas isto não iludia ninguém a respeito da transformação iminente e rápida que se estenderia ao longo das próximas semanas, desta precipitação das tardes em noite.

Só às vezes, quando tudo se tornava tão calmo que a luz parecia inflamar-se nessa calma, era como se um fogo de combustão lenta chamuscasse tudo. Havia gente inconsciente no sol escaldante. Rostos vermelhos, superaquecidos depois de muita cerveja. Corpos indolentes no parque infantil. Gente prostrada diante de quiosques, no parque.

Não havia baixaria. Não havia violência. As pessoas sofriam torções em silêncio. Tropeçavam no caminho de volta, cambaleavam, caíam, chocavam-se contra caminhões, caíam de bicicletas. Não raro aconteciam acidentes curiosos no verão; ficava-se preso na cerca elétrica, cortava-se a perna com a lâmina do cortador de grama, a corrente soltava-se da serra elétrica e machucava um rosto, com freqüência alguém caía embriagado no lago e se afogava.

(...)

[p. 28-32]

Num dos dias seguintes, ela apareceu novamente, esta mulher na qual eu nesse meio tempo não tinha mais pensado, a qual tinha quase esquecido.

Ventava. Ela estava perto do depósito de madeira e perguntava a um dos jovens por Schmoll. Perguntava com voz desnecessariamente alta, e deixei o restante dos remos sem seleccioná-los. Saí correndo depressa do galpão e acenei para ela a fim de evitar que o acampamento inteiro a ouvisse.

“Minha estação preferida”, disse ela ao se aproximar. “Primavera.”

“Estamos em julho.”

“À noitinha e de manhã é primavera, porque estamos mais ao norte.” Acenou com a cabeça pensativamente como após uma proclamação sábia. “E é bonito aqui”, disse então. “O lago, este ar, o sol, pensei que aqui houvesse muitos mosquitos, mas nada, veja, meus braços, as pernas, nenhuma picada.”

“Isto é um clichê. Os políticos suecos inventaram esta história dos mosquitos porque não querem que seu país sofra influência estrangeira. Pode sentir-se aliviada de não ter ido para a Finlândia.”

“Finlândia”, disse ela. “E o que vou fazer na Finlândia?”

“Remar, trabalhar, a mesma coisa que faz aqui. Lá calculam trinta nuvens de mosquitos por pessoa.”

“A Finlândia fica muito ao norte para ter uma atmosfera primaveril”, constatou.

“Vamos tomar alguma coisa? Ainda é cedo, mas vou encerrar aqui por hoje, e nós tomamos alguma coisa.”

“Não estou com nenhuma sede.”

“Não tem importância”, disse eu. “Só estou lhe oferecendo algo para ganhar tempo e enquanto isso você talvez possa me esclarecer com quem está me confundindo.”

“Acredita que a esteja confundindo com alguém?”

“Não, se *a senhora* costuma cair nos braços de qualquer pessoa.”

Riu-se, um riso cristalino.

“A senhora veio com os outros?”

“Os outros? Que outros?”

“Ora, Sabine, a meio-índia, Wilfried, Ralf-“

“Não creio”, disse ela. “Isto é importante?” Fomos andando até o gramado, a luz estava pálida, logo iria chover.

“Não veio com a van?” Ela usava sandálias amarradas de couro, de salto alto, sobre as quais certamente já tinham comentado. “A maioria dos retardatários chega de van.”

“Mas isso não é importante!”

“Pois bem. Mas como já tivemos um contato de quadris, podemos ao menos nos tratar por você. Ou isto também não é importante?”

“Claro.” Riu-se. “Faça o que quiser, gosto da senhora, gosto de sua voz, sabia, e de sua testa, e gosto de como fica aqui diante de mim, a senhora, por exemplo, nunca põe a mão nos bolsos e olha para cada pessoa e sempre faz perguntas, e é tão esguia, também gosto disso e de como ficou olhando para mim na praia. Mas não vou tratar a senhora por você.”

Eu ficara ali com uma mão no bolso da calça e agora a tirava tão discretamente quanto possível. Ela continuava a falar, falava rápido e sem parar, que aqui havia muito poucas flores, nada de primaveras, de rododendros, só grama aparada curtinha, engasgou, e por que não se deixava a relva simplesmente crescer. Afastou o cabelo do rosto, tocou meu braço. O osso aparecia em seu pulso.

E então disse algo como: “Mas a senhora é Schmoll” ou: “A senhora é um duende”, ou também: “A senhora é o máximo!”, que, no entanto, mal dava para se ouvir sob a tempestade que se formava, o estrondo das lonas que ainda não estavam presas e batiam contra a armação das barracas. Jovens corriam sobre o gramado, na barraca da cozinha a luz foi acesa, de repente, cada um tinha algo a fazer.

“E o que você está fazendo neste lugar ermo?”, disse eu, estávamos sentadas uma junto da outra sobre um banco na barraca dos monitores, enquanto lá fora a tempestade inundava o gramado. “Você também está procurando a felicidade?” Eu a tratava agora por você, ela parecia não se incomodar com isso. Ela disse, seriamente:

“O que a senhora quer ouvir?”

“A verdade.”

Atrás da barraca, Ralf acendia o aquecedor a carvão. O ar começou a ficar com um cheiro de cinzas e do óleo do acendedor.

“E depois”, disse ela. “O que vem depois?”

“Nada além da verdade.”

“Não. Depois vamos comer juntas. E quando souber tudo a meu respeito, saberá naturalmente do que mais gosto e isso a senhora vai arranjar para mim, e está fazendo tudo para me contentar e se eu de repente quiser outra coisa, uma coisa que não corresponda àquilo que sabe a meu respeito, então ficará amuada, pois vai pensar que é uma afronta e que eu não a amo. Mas não quero que a senhora fique sabendo ao menor movimento de ombros como estou me sentindo!” Ela reclinou-se triunfante.

Eu disse: “Mas isto é interessante.” Então a conversa foi interrompida pelo ribombar estrondoso da tempestade.

“Se não quiser me contar a verdade, então talvez devemos fazer como os suecos. Vamos falar do tempo. Nisso os suecos são quase tão bons quanto os ingleses.”

“Sim!”, exclamou. “E sobre as libélulas” E sobre enxurradas, prímulas, mil-folhas, cascalho, e o que mais há por aqui? E como uma tempestade é excitante e como se pode remar rápido, o tempo todo com vento contrário.”

“Sobre isso os rapazes falam o tempo todo aqui”, disse eu.

“Claro. Mas eles fazem isso sempre do mesmo jeito.” Colocara os pés dobrados sobre o banco, o queixo sobre os joelhos, era magra, conseguia fazer isso sem problema. Poderia ter trinta e poucos anos, mas era difícil de calcular. Seus cabelos estavam presos com uma fita de veludo.

“A senhora está se aborrecendo?” Agarrou meu braço. “Por favor, não gostaria que se aborrecesse.”

Ralf tinha agora ligado o aquecedor. Ao passar, colocou um cobertor ao meu lado e deu tapinhas em minha mão. Olhou sério para mim e depois para ela e trouxe duas xícaras de chá com rum para nós, ela sorriu. Um sorriso conspiratório. Eu não sabia a quem se dirigia, a ele ou a mim ou a uma pessoa num segundo plano, a barraca estava na penumbra.

Lá fora, alguém chamava por sobre a chuva, onde se enfiara Marco, a coisa toda aqui, *puta merda*, estaria se dissolvendo, eu esquecera quanto tempo nós já estávamos aqui sentadas.

“Caso você ainda tenha perguntas”, disse eu. “Eu sou Anja.”

Olhou-me por cima da borda da xícara.

“Não”, disse. “Não acredito.”

Eu ri.

Ela fixou o olhar na xícara, colocou-a sobre a mesa, olhou brevemente na direção dos outros, desdobrou as pernas e levantou-se.

“Minha xícara está vazia. – Tenho que ir!”

Ainda chovia. Estava frio na barraca. Não a retive.

(...)